

SERTANIA NORDESTINA: DAS HISTÓRIAS QUE SE DESEJA CONTAR

Por amilton de azevedo¹

Cláudio do Vale conta e canta a vida de Luiz Gonzaga (1912 – 1989) em *Sertania Nordestina – as léguas tiranas de Luiz ‘Lua’ Gonzaga* há mais de vinte anos. O trabalho estreou na efeméride dos dez anos de falecimento do artista. O espetáculo, definido como “teatro musical popular brasileiro” por Vale, traz narrativas da trajetória de Gonzagão desde o nascimento na pequena Exu, no interior de Pernambuco, até sua consagração nacional.

Os elementos da encenação também apontam para a preservação da figura de Luiz Gonzaga como, se não o fundador, um dos maiores difusores de ritmos da *cultura musical nordestina* – como o forró, o baião e o xaxado. Para além disso, a abordagem acrítica da dramaturgia (cuja autoria não está especificada na trilha sonora, mas intui-se de Vale) acaba por mitificar a pessoa ao não abordar suas contradições, estabelecendo-a como ícone de um imaginário que, para além de traduzido em suas canções, é destacado pelas escolhas de *Sertania Nordestina*.

O pano de fundo é, literalmente, a seca no sertão. Embora esse cenário faça parte da trajetória de Luiz Gonzaga, optar por fazer desta imagem a visualidade central do espetáculo corrobora com a consolidação estereotipada do que se vislumbra enquanto *Nordeste*². Maior região em número de unidades federativas, sendo composta por nove estados, é também a que se verifica a utilização mais corrente de um gentílico para referenciar a pessoas e manifestações culturais de lá oriundas: *nordestino* é termo de uso infinitamente mais comum do que *sudestino*, por exemplo

¹ amilton de azevedo é crítico e professor de teatro. Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP, desenvolvendo pesquisa em torno da crítica teatral contemporânea no Brasil. É mestre em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Criou a plataforma ruina acesa (<https://ruinaacesa.com.br>) em 2017, onde publica regularmente textos sobre teatro. É membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro).

² Questões similares foram apontadas pela crítica Ivana Moura quando da apresentação de *Sertania Nordestina* no último Festivale, em 2022, disponível em <<https://www.fccr.sp.gov.br/fccr/festivale/festivale-2022-criticas-dos-espetaculos>>.

– e basta verificar que apenas um destes termos é reconhecido pelo corretor gramatical de programas de escrita.

A perspectiva da existência de uma *identidade nordestina* vem sendo problematizada há algumas décadas; vale citar o trabalho de Durval Muniz de Albuquerque Jr., *A invenção do Nordeste e outras artes* (1999), que aponta para o fato de que o Nordeste “quase sempre não é o Nordeste tal como é, mas tal como foi nordestinizado”, deste modo estando “em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos”.

O livro de Albuquerque Jr. serviu de inspiração para o espetáculo homônimo do Grupo Carmin de Teatro (Natal/RN), onde a construção desta identidade era questionada. Também, em cena do *Estudo Nº1: Morte e Vida*, do grupo Magiluth (Recife/PE), Bruno Parmera procura a si mesmo – um *homem nordestino* – no Google, só para verificar quais são as imagens atreladas a esse imaginário.

A *Sertania Nordestina* aqui analisada não se insere nesta *linhagem* de trabalhos que visam observar criticamente a constituição e a insistência de certa estereotipia, mas parece indesejável abordar tal assunto. A costura da encenação de Vale, que é um intérprete carismático e habilidoso, diverte e encanta o público presente em prosa e verso, fala e canto; se trata de pensar sobre as histórias que se deseja contar e do tanto que elas podem tocar.

Entre danças e interações, Vale propõe dinâmicas variadas neste ato de contar, inclusive trazendo alguns sotaques para interpretar outros personagens do entorno do biografado, além de trocar de figurino ao longo das *léguas tiranas* caminhadas por todo o Brasil pelo artista. Nesse sentido, o trabalho poderia aproveitar melhor a presença do trio de músicos (Eliomar Landim na sanfona, Denilson de Paula na percussão e Gileno Borges no triângulo) que, quando não estão tocando, são apenas testemunhas – com a exceção de pequenas contracenas de Paula.

Há, na dramaturgia, uma série de comentários que poderiam ser utilizados como ponte para alguma espécie de criticidade no que é contado – seria oportuno apontar para o racismo e o machismo que parecem deslizar em algumas ocasiões vividas por Gonzagão, além da xenofobia sutil do momento em que, por tocar bolero, o artista teria sido apontado como um “pernambucano imitando argentino”, como se houvesse algum tipo de delimitação nesse sentido, de expectativa a ser cumprida.

Uma fala em especial chama a atenção pela relação que constitui com o espetáculo, ainda que isso passe despercebido: se referindo a uma localidade na região Sudeste apontada como *Sul, Vale*, como narrador, comenta algo como “para ele, ali é tudo Sul”. E será que para tantos de nós, sudestinos, passou do Espírito Santo não é “tudo Bahia” ou “tudo Paraíba”? Pensar que “tudo é Nordeste”, para além da divisão elaborada pelo IBGE, não é também uma redução preconceituosa?

No bate-papo após a apresentação no Pátio do Museu, durante a programação do 37º Festival, Vale contou sobre a experiência com a fita de Luiz Gonzaga encontrada na caixa com as coisas de seu pai e sobre o frio na barriga que se mantém até hoje nos momentos que antecedem sua ida à cena. Há esse bonito engajamento do artista, que indiscutivelmente reverbera na calorosa recepção do público. Vale também compartilhou os modos de criação intensivos: menos de dez ensaios com o acompanhamento de Elcio Nogueira e um roteiro escrito em poucos dias com o objetivo de contar a história e costurar as músicas com a única preocupação de manter a ordem cronológica. Para além disso, *Sertania Nordestina – as léguas tiranas de Luiz ‘Lua’ Gonzaga* pouco se alterou no que diz respeito a seu texto e sua encenação ao longo de seus 24 anos de trajetória.

Ao mesmo tempo em que o espetáculo encanta sua plateia neste misto de show, teatro, dança e contação de histórias, e que um fôlego tão grande – mais de duas décadas! – deve ser muito celebrado, parece ser sempre oportuno revisitar o próprio material, continuamente alinhando o desejo que impulsiona o contar da história e os modos que se deseja contar uma história.